

ALGO MAIS QUE FOTOS

Livro 118

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



ALGO MAIS QUE FOTOS

Quando posso exibo os feitos de uma veracidade mais ou menos duvidosa, exalto a memória. Certo aroma confirma minha roupa de domingo, o escudo do colégio de infância, uma foto da banda marcial outra do time de futsal. Inevitável conviver com isso; algumas lágrimas, escalafrios e um olhar agradecido. Em cada foto um elemento significativo que indica o lugar que converti em saudades.



A PALAVRA SOBERANA

Contradizendo as indicações, tomei o caminho mais longo. Necessitado de uma nova linguagem jogo com as palavras para fazer-me entender. Meu sentir, difícil de nomear, percorre mistérios. Conto sobre o que se cansou de não ser visto, o eu que se escondeu nas sombras, que se ocultou no esquecimento. Esse sentir de ruídos traz o anseio da quietude. A palavra, soberana,

cria marcas solidárias surge inesperadamente torna vivos os conceitos, constrói a memória, desabitua a alienação. Assim, ressuscito tudo que sendo meu ou alheio, me pertence.



LEMBRANÇAS ESPORÁDICAS

Aperfeiçoei-me em ter lembranças esporádicas, soltas com o desprendimento necessário, apinhei mulheres, instantes, cicatrizes, malferidos, urgências pouco importantes, súplicas. Incógnitas hóspedes circulando gemidos e transbordando solidão. Aplacando afetos decompostos, cansei da fartura de gente nenhuma.

DESEJAR REDUZIDO

Ensinaram-me um desejo reduzido, inibido, envergonhado, sofrido. Vivi com culpa minha natureza que brotava inteira e honesta por todos meus poros. Quantos sonhos nasceram e morreram calados dentro de mim. Sigo sentindo como uma criança assustada que teme confessar-se atemporal, sabendo ser o tempo um dos crônicos mistérios, promotor de angústias que criam desafios entre a paixão e a resignação.



POUCO IMPORTA

Pouco importa dizer sobre essas coisas do prazer, do sofrer; não me pertencem exclusivamente, são do mundo e de nós todos. São raízes.

ESPECIALIZEI-ME

Especializei-me em cuidar dos outros, embora eu seja um daqueles que mais necessita de cuidados. É que esse meu olhar fica curto para alcançar ver-me em minhas carências. Uma das caras da minha onipotência pretende despojar-me do vazio que me habita, disfarçando minha fragilidade ao simular fortalezas.



CONVERSÃO

Converto-me no que possa para continuar a viver, confundindo instinto com necessidades. Dispensando os gemidos de dor, me encerro com tudo o que prezo, desprezando as sentenças que não me cabem. Dou-me o direito do uso, reciclo meus equívocos, manifestando interesse em viver no extremo tudo o que guardei. Acudo com presteza às últimas necessidades, devolvo as promessas não cumpridas, ponho a cara a tapa, a testa às rugas e a falta de forças para o ar fazer-se grito.

MIGRAÇÃO

Meus olhos se converteram em mar, finalmente quando seco, meu olhar migrou ao sul esperando fugir da tua ausência transportadora de vazios.



PASSOS

Caminho sempre no descompasso, passos atrás. Tenho o mérito da paciência, agradar é tão simples e complexo! Envolvido nessa mistura de êxtase e indignação reprimida, ela atua da única forma que sabe fazer amor. Nessa singular submissão, verifico que há várias formas de viver o perigo, várias atitudes para derreter meu desejo quando alterado fico.

NÃO GOSTO

Cabeceio o cansaço dos velhos, medito, evito os refúgios, os mentirosos e as mentiras, as sombras excessivas, a pressa que rouba o tempo dos tempos, o bem clandestino que protege aos injustiçados, odeio as guerras, aos exércitos e ao terrorismo de Estado, a manipulação da informação e o uso dos inocentes. Evito praças sem árvores, extremistas sem escrúpulos, políticos e invasores, arrogantes e onipotentes. Decididamente não gosto de grito, de vento, prefiro os inventos, evito o off que não desliga e a palavra vencida.



A AGONIA

A agonia se ensaiara diversas vezes perturbando a vontade de pensar. Recolhido ou buscando nesses interlocutores que estavam diante de mim, alguma vantagem, um pensamento comprometido com a minha

dor. Meu olhar busca o perdido disfarça a aceitação de uma despedida não optada. Ele é a imagem do sentimento que me domina, a alma vaga no lugar em que a imagino estar. Limitado a executar esta sina, resignei-me numa perpétua solidão como um caçador do passado, e ali vivo recolhido.



QUERO SER

Quero ser um homem como os outros, aceitar os vazios, rechaçar as frases feitas, abrigar uma alma intensa, acostumar-me à angústia constante, ter revoltas que valham a pena, diminuir o peso, as culpas, dirigir o farol, alimentar tudo, amar pelo direito e pelo revés, exilar-me com direitos e gritar as ofensas. Sofrer com a morte dos meus queridos, não temer a minha, passar os olhos pela beleza e deixar rastros silenciosos, certos. Quero palavras novas, morrer de uma velhice longa, inteiro ou não, importando que um último neurônio me permita assistir a um pássaro que voa e a uma

declaração de amor sincero. Quero horas animadas por um insolente desejo que não aceita idades. Quero ter um domínio de músculos, ossos e condutas, poder dizer de minhas aceitações e meus rechaços. Dar bom dia ao mundo e não dispor da paciência para tormentos e ameaças. Ainda sigo à espera de ter valido o amor, apesar de esgotadas as fontes e quaisquer condições.



DEPOIS DE TUDO

Tendo ido falar de amores, dar-lhes uma menção especial, contrariando minhas razões encontrei corações partidos, incertezas nos vínculos, memórias nutridas de fracassos, falta de ar e de princípios, fugas delirantes, amores com validades vencidas. Encontro sorrisos rápidos entre gente desorientada. Já noutra lugar tivera a mesma sensação. Busquei o rumo, onde se autorizasse ficar, levar as vitórias, comer os frutos possíveis. Usar a cama e a mesa antes de seguir-se pelo mundo afora.

O QUE ME IMPORTA

Coisa que não possuía, trazer para dentro, dentro do prazo uma comovente saudade, habilitando um interesse, uma importância de olhar nos olhos, deixar os transtornos de lado, se importando com as coisas que valham a pena.



DEIXO SAIR

Por um momento, chega-me inesperadamente, sem que eu saiba de onde, uma sensação que alenta, deixa as mãos suaves e os olhos construtores esquecidos do abandono. Deixo sair da memória o texto estável. Acho-me apto a restabelecer em mim este apreço que distingue o elogio da ofensa, agora devo conduzir o amor a outros sonhos, longe das insônias.

FUGIR DE MIM MESMO

Como não tenho para onde fugir para fora de mim mesmo, sendo a vida íntima circular, apenas farei sair para logo entrar na mesma realidade interior que me habita indiferente das minhas intenções, resta-me ir na direção de ser esta organização que me tornei.



UMA VOZ INTERIOR

Uma voz interior fala ditando-me o que escrevo, entendo-lhe o sentido, o idioma materno aberto, disponível para alinhar-me ao ato, sei ser um condutor de ideias nem sempre originais, restauro o som para contar, desconto para relacionar-me, para escutar-me, porque não sei fazer de outra maneira, remontar um ideal, cumprir, nivelando entre a escrita e o sentir como proceder o caminho gerador dos meus reiterados sonhos.

NÃO DEVO

Não devo ser covarde na hora da resistência e nem ser valente na hora do risco.



HÁ EM MIM

Há em mim um enorme encantamento com a inteligência das espécies que aqui no nosso planeta são capazes de sobreviver. Ainda que grande parte tenha se extinguido, as que sobram são de uma resistência que merece estudos.

RUMOR CONFUSO

Ouço um rumor confuso que vem do fundo da alma, seria uma comemoração ou um descontentamento? Entrincheirados em suas manifestações, apelam para os anjos anunciarem os benefícios prestados, separando os êxitos das decadências.



MUNDO DO ESPETÁCULO

Eu em geral ajudo muito quando posso sem esperar grandes retornos porque o mundo é um espetáculo e tudo é uma grande ficção.

SOLIDÃO

Quero conhecer-me no estado de solidão amiga,
duvidar-me no diálogo interno, melhorar-me no
confronto com as certezas.



AUGE

A percepção no auge da sua lucidez não me deixa ter
regras.



RIO E CHORO

Rio e choro muito.

COSTUMO

Costumo planejar minimamente com determinação, corrige rotas no andamento.



MEU PASSADO

Sinto saudades do meu passado, do sorriso do meu pai e da sabedoria da minha mãe.



ASSIMILAÇÃO FORÇADA

Assisto uma quarentena que transborda como própria uma assimilação forçada. Absorvem-se como o vento que engloba aquilo que toca, agregam-se fortuitas modas como saber ancestral, ligam a vida ao supérfluo que avassala, assiste ao moribundo que agoniza fazendo do supérfluo com grande cuidado propagado como o centro da vida.

MODO DE ESPERAR

Quem sabe nessas voltas que a vida dá, alguma luz fará o favor de devolver-me a certeza com um novo modo de esperar.



SEM COMEÇO

Na noite sem começo nem fim, a vida se me apresenta efêmera, entre a inexistência e a (des)existência.



LOGO

Sinto agora porque o “logo” se perderá, o momento não espera, sigo meu caminho, desenho a linha do horizonte, o fim, em direção ao destino. Sinto, estabeleço prazeres, alimento a criação, invento novos sonhos, depois não haverá mais tempo, ele costuma não esperar, não combina com adiamentos.

PRIMEIRO AFETO

Beijando de verdade senti algo estranho, uma incontinência, uma espécie de compulsão beirando o radical, uma estúpida saudade impregnada saiu de dentro de mim, escapando de alguma gaveta, sufocada pela permanência e pelo tempo do esquecimento. Descobriu-se repetida em cotidianos, tendo rasgado o calendário, rompeu reativando o afeto primeiro, original, intacto.



CATIVADO

Cativado por recompensas simples, por afagos com que se adornam os vazios alcançáveis, um enorme prazer que me cerca constrói memórias favorecedoras de momentos benfeitores.

PAJEM

Quando as forças fraquejam, a infecção se estabelece, progride e avassala. Se o vírus não achar outro vem como pajem, é um espinho fazendo ninho em mim.



RASGO

Rasgo com o garfo a suave folha, traço a via-sacra até degolar o último quadro, firo a fibra mastigando até seu fim, gastada com o uso. Aqui nos dias santos não se come a carne, não se canta, não se ama, valem as lágrimas, as culpas, ardendo nas dores, carregamos as cruzes, pagadores de impostos, votamos em judas, nadamos em espantos, gelados de sustos e medos, confessamos pecados nunca cometidos. Acordamos como vítimas, poupados, infelizes, desarticulados.

FLUTUO

Forcejei contra o mar e o vento, nunca contra a corrente em sinal de respeito a minha vulnerabilidade e a força da natureza. Flutuo nas marés como se dançasse folias, tenho preciosas memórias agasalhando terra firme, a coragem desafiando distâncias, a cata de segurança.



Roberto Curi Hallal

